

CAFÉ ESTEIO DO BRASIL

TEM SIDO O «OURO VERDE» O GRANDE REALIZADOR ENTRE NÓS —
PRODUTO COM FÔLEGO DE 7 GATOS — DA ÉPOCA EM QUE A RUBIÁ-
CEA PRECISAVA DO «BAFO DO SERTÃO». À FASE AGRONÔMICA DE
CAMPINAS



Quando os galhos dos cafeeiros se curvam ao peso dos frutos verdes e encarnados o fazendeiro de natural simples e quieto fica orgulhoso e falante. Espera conseguir o prêmio por vários anos de trabalho. Quase sempre, porém, quando tem safra não tem preço, quando tem preço não tem safra... Essa é a sina do lavrador...

Arthur Neiva no livro de crônicas nacionais e de viagem — "Daqui e de Longe..." — escrevendo A Propósito do Café assevera com entusiasmo:

"O café foi o grande realizador entre nós; sustentou a guerra do Paraguai, aboliu a escravidão, proclamou a República, lançou estradas de ferro, remodelou e saneou o Rio de Janeiro, construiu couraçados, mandou buscar a missão francesa, permitiu o trabalho de Rondon, convidou o rei Alberto e há de fazer ainda a revisão da Constituição. O café deu para tudo; Geaca pode apontar ao estrangeiro sua grande obra. Há razão para se sentir ufano". Hoje poderíamos acrescentar às palavras de Arthur Neiva mais algumas contribuições do café. Esse produto-rei construiu uma rede bancária, forneceu e fornece os cambiais para industrialização do país, trouxe Craveiro Lopes e o presidente da Itália a uma visita aos nossos cafezais que os imigrantes desses e de outros países ajudaram a construir. Releva notar que o café fornece um orçamento paralelo ao governo em decorrência do confisco cambial, ato iníquo e ilegal no dizer do jurista conselheiro Sampaio Doria. O café parece ter fôlego de 7 gatos...

Mas querem afogá-lo pela oitava vez... A despeito dos erros cometidos pelo Catete — por ironia da sorte tivemos um presidente com o nome Café, mas ele na verdade era o anti-café e não quis extinguir o confisco cambial no tocante à condução da política cafeeira (temos sido tímidos em matéria de comercialização) o «ouro verde continua a sustentar o nosso desenvolvimento econômico, propiciando trabalho, direta ou indiretamente a milhões de brasileiros. O colono, o empreiteiro, o administrador, o sitiante, o fazendeiro, o corretor, as pessoas ligadas às casas exportadoras, o grande comércio atacadista, as empresas ferroviárias e rodoviárias, os bancos, os doqueiros e estivadores, os armazéns reguladores, o comércio varejista, tudo depende do café. Se a cotação do ágio do dólar baixa na Bolsa de Valores, é que aumentaram as saídas de café. Se sobe depreende-se que diminuíram as disponibilidades ofertadas em decorrência de maiores vendas de café. Esse fato, por seu turno irá refletir no maior ou me-



Renato da Costa Lima, continuará a ser o simples e dinâmico fazendeiro que a gente de Mocooca aprendeu a admirar. Por várias vezes tem sido chamado a colaborar com o poder público, seja à frente de secretarias de Agricultura de São Paulo, seja como presidente do Instituto Brasileiro do Café. Ne gravura o presidente eleito da tradicional Sociedade Rural Brasileira aparece bebendo um cafezinho

nor custo do material importado. Esses exemplos relacionados ao bater da tecla de minha máquina de escrever evidenciam quanta razão tinha Tauxnay quando proclamava: Coffea Brasiliæ fulcrum — café, esteio do Brasil. Esse é o fruto proibido que Pálheta nos legou em 1857 após um encontro com madame d'Orvillers, a esposa do governador francês de Caiena.

INSTITUTO BRASILEIRO

Dentro desse panorama cafeeiro ergue-se o Instituto Brasileiro do Café,

órgão — de direito — encarregado da política cafeeira do país, não obstante o ministério da Fazenda seja seu orientador de fato. Hoje está à frente do I.B.C. um cafeeiro de Mocooca e de Jacarézingo: o fazendeiro Renato da Costa Lima, que também é presidente licenciado da tradicional Sociedade Rural Brasileira. Homem dinâmico, parece resolvido a imprimir novas diretrizes à política cafeeira, insistindo no primado da livre iniciativa, na lavoura, comercialização e na industrialização. Os estoques do passado, — verdadeiro Himalaia de sacas de café — e os excedentes cafeeiros da safra em curso, bem como a conjuntura adversa que encontrou dificultam sua administração. O voto de confiança que recebeu do comércio cafeeiro e dos cafeeiros, tem lhe ajudado a continuar a lutar.

DA SEMENTE À XICARA

Nesta rápida reportagem pretendemos dar uma visão do roteiro seguido pelo café, da semente à xícara. Houve um tempo em que se afirmava que o café precisava do «bafo do sertão para produzir». Essa foi a fase de desbravamento, na qual o «pio do macuco» era o prenúncio de proximidade do jaguar. A devastação das matas e empobrecimento do solo provocado pelas lavouras extensivas um dia teria que suceder a volta às terras cansadas em um trabalho «sui generis» de recuperação, onde a técnica agrônoma ocupou o lugar da rotina. E' o que já se nota na região de Campinas e no Vale do Paraíba onde despontam lavouras intensivas, verdadeiros «pomares de café», no dizer de Luis Piza Sobrinho. Nesse caso há diversificação de cultura.

Estão nesse caso as fazendas de Antonio Bento Ferraz, Mario Rolim Telles, Dario Meireles, Luiz Emanuel Bianchi, Adolfo Chebabe e outros.

Nas zonas novas o primeiro passo para a instalação do cafezal é a derrubada da mata, geralmente processada de abril a agosto. Em julho, agosto e setembro, quando o mato secou, procede-se à queimada, método empí-



A enorme abotoação arrebento. Um diâmetro de flores cobria o cafezal. Os homens das estatísticas começam a fazer cálculos